

BIBLIOGRAFIA

JOSÉ MANUEL GOMEZ-TABANERA (Editor), *El Folklore Español*, Madrid, 1968, XII+455 págs., 80 figs. e 3 mapas no texto, 16 temas.

Esta magnífica obra veio conquistar na bibliografia internacional e no campo da divulgação científica um justo lugar de primazia.

A perfeita coordenação dos temas seleccionados e o grupo de especialistas categorizados que trataram essas matérias, sabendo aliar os imperativos da Ciência e da divulgação moderna, tiveram como resultado a obra que se impõe pelo alto nível dos textos, pela documentação aplicada e pelo cuidado aspecto gráfico que apresenta.

A inteligência do conjunto dá ao leitor exigente uma completa e sugestiva visão do folclore e dos vários capítulos da etnografia espanhola, não só no aspecto de origens, evolução ou aculturação de fenómenos e, ainda, no aspecto económico-social, estético e de caracterização psicológica.

Os autores, dotados de admirável capacidade de síntese, não se limitaram. A lúcida exposição transpõe as barreiras do formalismo canónico para enfrentar a problemática do património

etnológico num plano europeu e comparado.

Deliciou-me o espírito a subtileza da argumentação e o perspicuo e santo esforço de se suavizar a dura caminhada daqueles que ensaiam na leitura desta obra os primeiros passos no mundo da metodologia, dos princípios de escolas, das culturas que caracterizam povos e daquilo que, em linguagem aplicada, se chama psicologia étnica ou, no presente caso específico, «caracterização psicológica», como ensina o Professor Caro Baroja.

É muito difícil falar de uma obra como esta que me apresenta José Manuel Gomez-Tabanera na sua faceta de editor. Na totalidade dos temas não existem desníveis de estrutura e conteúdo. A dificuldade reside em mim própria, no meu subjectivismo, na preferência ecléctica e no receio de utilizar faculdades críticas acima das minhas possibilidades e que desvirtuariam o objectivo de permanência que deve ter uma judiciosa crítica global.

A investigadora, a amiga, a admiradora respeitosa fala, pois, com a honestidade que pode submeter a prova. Fá-lo, também, com a inevitável idiosincrasia de que se acusa,

mas de que não pode escapar-se. Manifesta a sua gratidão a todos que, em tão feliz hora, produziram e editaram uma tal obra e pede licença para comentar, pelas razões e limitações acima expostas, os temas da sua predilecção.

Castillo de Lucas, Gella Iturriaga, Nieves de Hoyos, Nieto Gallo, Gabriel Llompart, Larrea Palacín e Teresa Martínez de la Peña são o caso à parte e bem notável dentro da sua especialidade. Castillo de Lucas e Gella Iturriaga são, na escala internacional da medicina popular e do folclore do mar, peritos bem conhecidos dos congressos destas especialidades.

Gervasio Manrique, no seu artigo *Tradiciones pastoriles* foi exaustivo. Contudo, interessada no absoluto do contexto, fiquei com a impressão de que muito mais desejaria escrever sobre o assunto e lamento que, para meu proveito, o não tenha escrito. Há necessidade de um trabalho desta natureza no plano peninsular e aguardam cuidadosa revisão os trabalhos de Júlio Klein, *La Mesta* (tradução de C. Muñoz, 1936) e de D. Vicente Paredes Guillen, *Historia de los Framontanos Celtíberos...* e *Origen del nombre de Extremadura*, editados em Plasencia, respectivamente em 1888 e 1886. Embora desactualizados, contêm informações dignas de reflexão. Um dos ajustamentos a fazer é o das nomenclaturas e da toponímia. Estou certa que a averiguação deste assunto faria luz sobre o problema de alguns santuários campestres, situados junto das canadas ou próximo delas, e sobre o termo

português *rafala*, que Maria José Lagos Trindade, no seu artigo «Alguns problemas do pastoreio, em Portugal, nos séculos XV e XVI», *Do Tempo e da História*, vol. I, Lisboa, 1965, pp. 113-134, defende como equivalente ao nome espanhol *mesta*, embora no citado artigo não refira um exemplo concreto do primeiro e utilize no texto o segundo.

O ilustre Marquês de Lozoya brindame com uma contribuição muito original e de excelente conteúdo. Nas suas palavras expressivas capta-se a forma lúcida como divulga o conceito de arte popular. Porém, deixou-me insatisfeita. Gostava que tivesse falado mais de cerâmica.

O estudo histórico do Professor Caro Baroja, cuja introdução revela excepcional virtuosismo de subtilidade e de argúcia, impõe-se pela forma como foi desenvolvido e exposto tão difícil tema. Desafiando soluções discutíveis tão em voga, o Professor Caro Baroja mostra como se investiga e como se utiliza a erudição e o senso crítico sem menosprezar, uma só vez, a anotação das fontes e passos sobre os quais incidiu maior atenção e análise. É digna a sua lição de método, como é notável a tese das caracterizações psicológicas que apresenta sob o título *Modos de vivir hispánicos*, trabalho que só um devotado estudioso bem dotado de espírito filosófico podia realizar em síntese e elevar a tão alto nível científico.

À margem dos fenómenos através dos quais se evidencia a consciência colectiva, prova-se que a independência psicológica se manifesta e que a

projectão da análise pessoal sobre o ambiente social tem suma importância. Uma e outra são as fontes utilizadas e dissecadas pelo Professor Caro Baroja neste excelente trabalho.

Gomez-Tabanera com o seu artigo *Etnologia y Folklore de España* deu à obra um carácter didáctico que merece ser notado. Há, pois, uma introdução e um conceito de métodos que valorizam o conjunto. Cuidou-se o lado teórico e apresentam-se estudos e aspectos objectivos e concretos. Quanto a *Fiestas populares e festejos tradicionales*, felicito-o pela sua bem elaborada teoria de origem e de estrutura da festa popular e respectiva função. Entendo que deve prosseguir com este estudo. Desejo ler e aprender.

Para terminar, ousou glosar, com o devido respeito, as palavras utilizadas pelo Professor Caro Baroja no intróito do artigo comentado, embora inverta o mote.

O meu amigo Gomez-Tabanera pôs-me num grande aperto obrigando-me a falar de uma obra que se deve a um grupo de cientistas de crédito internacional. Como sou débil, dou graças à Providência por ter nascido mulher e, como mulher impressionável, cedi perante a convincente dialéctica de Gomez-Tabanera. É grande a responsabilidade assumida e grave o delicto. A situação moral provada conduz ao dilema clássico: de quem é a culpa?

Margarida Ribeiro

Para fundamentar estas ideas con el debido rigor, se debe recurrir a los trabajos de los autores que se citan en el presente artículo. En primer lugar, conviene recordar que el concepto de "cultura" ha sido objeto de numerosas definiciones y que, por lo tanto, no existe una definición única y definitiva. Sin embargo, se puede afirmar que la cultura es un fenómeno social y humano que se manifiesta en el conjunto de las actividades y creaciones de una comunidad. En este sentido, la cultura es un proceso dinámico y cambiante que se va formando y transformando a lo largo del tiempo y del espacio. Por lo tanto, el estudio de la cultura debe ser un estudio interdisciplinario que involucre a la historia, la sociología, la antropología, la lingüística, etc. En el presente artículo, se abordará el estudio de la cultura desde una perspectiva histórica y social, tratando de explicar cómo se ha ido formando y transformando a lo largo del tiempo y del espacio. Para ello, se analizarán algunos de los factores que han influido en el desarrollo de la cultura, como el medio ambiente, las condiciones económicas y sociales, etc. Además, se tratará de explicar cómo la cultura ha ido cambiando y evolucionando a lo largo del tiempo, adaptándose a las nuevas circunstancias y necesidades de la sociedad. En definitiva, el estudio de la cultura es un estudio esencial para comprender mejor a la sociedad humana y su desarrollo a lo largo del tiempo.

El estudio de la cultura debe ser un estudio interdisciplinario que involucre a la historia, la sociología, la antropología, la lingüística, etc. En el presente artículo, se abordará el estudio de la cultura desde una perspectiva histórica y social, tratando de explicar cómo se ha ido formando y transformando a lo largo del tiempo y del espacio. Para ello, se analizarán algunos de los factores que han influido en el desarrollo de la cultura, como el medio ambiente, las condiciones económicas y sociales, etc. Además, se tratará de explicar cómo la cultura ha ido cambiando y evolucionando a lo largo del tiempo, adaptándose a las nuevas circunstancias y necesidades de la sociedad. En definitiva, el estudio de la cultura es un estudio esencial para comprender mejor a la sociedad humana y su desarrollo a lo largo del tiempo.